

Recuperação e Reconversão do Palácio Ducal de Trancoso Museu da Cidade

Cátia Maria Gonçalves Pinto

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitetura
(mestrado integrado)

Orientador: Prof. Doutor Miguel João Mendes do Amaral Santiago Fernandes

Julho de 2021

Folha em branco

Agradecimentos

O meu mais sincero e profundo agradecimento ao Professor Doutor Miguel João Mendes do Amaral Santiago Fernandes, pela orientação, apoio, disponibilidade, pelo conhecimento que me foi transmitido, pela total colaboração no solucionar de dúvidas e problemas que surgiram ao longo da realização deste projeto.

Um especial agradecimento à minha família, por serem modelos de coragem, pelo apoio incondicional e dedicação, incentivo, amizade, amor e paciência demonstrados e pela ajuda na superação dos obstáculos que surgiram durante esta longa viagem.

A todas as pessoas que contribuíram para a concretização desta dissertação, o meu muito obrigada.

Folha em branco

Resumo

Esta dissertação de mestrado terá como base a recuperação de um edifício abandonado existente em Trancoso, denominado de Palácio Ducal e a sua reconversão em museu da cidade. Atualmente, encontra-se em ruína destacando-se na paisagem pela sua aparência e história. Não se sabe a data precisa de construção, mas deve remontar à segunda metade do século XVIII.

Neste estudo, serão abordados temas como, museu, museologia, museografia, cidade e pretende-se ainda analisar a relação entre museu e cidade e a transformação que um edifício destes poderá trazer à cidade de Trancoso.

Numa parte inicial será apresentada a análise do contexto histórico, cultural e localização do objeto arquitetónico e, posteriormente, será desenvolvida a proposta de reconversão do antigo Palácio Ducal de Trancoso em museu da cidade, que irá promover o desenvolvimento desta zona do interior.

Palavras-chave

Trancoso; Palácio Ducal; Museu da Cidade; Património; Recuperação; Reconversão

Folha em branco

Abstract

This master's thesis will be based on the recovery of an abandoned building in Trancoso, called the Doge's Palace and its conversion into a city museum. Currently, it is in ruin, standing out in the landscape for its resemblance and history. The precise date of construction is not known, but it must go back to the second half of the 18th century.

In this study, topics such as, museum, museology, museography, city will be addressed and it is also intended to analyze the relationship between museum and city and the transformation that such a building may bring to the city of Trancoso.

In an initial part, the analysis of the historical, cultural context and location of the architectural object will be presented and, later, the proposal for the conversion of the former Ducal Palace of Trancoso into a city museum will be developed, which will promote the development of this inland area.

Keywords

Trancoso; Doge's Palace; City Museum; Heritage; Recovery; Reconversion

Folha em branco

Índice

1	Introdução	1
1.1	Objetivos	1
1.2	Metodologia	1
2	Enquadramento Histórico	3
3	Enquadramento Geográfico	5
4	Caracterização Sociodemográfica	6
5	Caracterização Morfotipológica do Centro Histórico de Trancoso	9
6	Palácio Ducal em Trancoso	10
6.1	Contextualização Geral	10
6.2	Enquadramento Geográfico	11
6.3	Análise Morfológica e Compositiva	11
6.3.1	Implantação e Volumetria	11
6.3.2	Organização Funcional e Espacial	12
6.3.3	Sistemas Estruturais e Construtivos	13
6.3.4	Materiais	14
7	Museu da Cidade	15
7.1	O museu e a sua relação com a cidade	16
8	Proposta para o Museu da Cidade	17
8.1	Conceito do projeto	17
8.2	Programa	18
8.3	Memória Descritiva	21
9	Conclusão	22
10	Referências Bibliográficas	23
	Listagem de desenhos técnicos	25

Folha em branco

Lista de Figuras

Figura 1 – Palácio Ducal atualmente, Fonte: Autora, fevereiro de 2020

Figura 2 – Palácio Ducal – Arco de acesso às escadas, Fonte: Autora, fevereiro de 2020

Figura 3 – Palácio Ducal – Escadaria balaustrada em madeira, Fonte: Autora, fevereiro de 2020

Figura 4 – Palácio Ducal – Vigas de madeira, Fonte: Autora, fevereiro de 2020

Figura 5 – Preexistências, Fonte: Autora, julho de 2021

Figura 6 – Demolição de elementos, Fonte: Autora, julho de 2021

Figura 7 – Piso térreo, Fonte: Autora, julho de 2021

Figura 8 – Piso 1, Fonte: Autora, julho de 2021

Figura 9 – Pátios exteriores, Fonte: Autora, julho de 2021

Folha em branco

Lista de Gráficos

Gráfico 1 – Evolução da População Residente – Trancoso 1981-2011, Fonte: CLAS, em: <https://www.cm-trancoso.pt/wp-content/uploads/2018/09/Diagnostico-Social-2018.pdf>

Gráfico 2 – Evolução da População Residente, por ano, dados do INE desde 2011, Fonte: CLAS, em: <https://www.cm-trancoso.pt/wp-content/uploads/2018/09/Diagnostico-Social-2018.pdf>

Gráfico 3 – Índice de Envelhecimento da População do Concelho e Trancoso – 2001-2016, Fonte: CLAS, em: <https://www.cm-trancoso.pt/wp-content/uploads/2018/09/Diagnostico-Social-2018.pdf>

Gráfico 4 – Evolução da População ativa, entre os 15 e 64 anos, Fonte: CLAS, em: <https://www.cm-trancoso.pt/wp-content/uploads/2018/09/Diagnostico-Social-2018.pdf>

Folha em branco

Lista de Acrónimos

CLAS	Conselho Local de Ação Social
INE	Instituto Nacional de Estatística

Folha em branco

Capítulo 1

Introdução

A cidade constitui um espaço que vive em função da capacidade própria de produzir a sua reorganização espacial. A cidade permite a comunhão de diferentes usos, modos de estar e de compreender.

As cidades estão em constante crescimento e infelizmente, na maior parte das vezes, a história da mesma nem sempre é conhecida pelos seus habitantes. Existe muito, atualmente, o pensamento de que o novo é progresso, e o passado é visto como “velho”. Assim, vai-se perdendo os edifícios referenciais da cidade, edifícios esses que contribuem para a caracterização da malha urbana.

O edifício para o qual se propõe uma proposta de recuperação é um exemplo disso. O solar dos Lopes Tavares da Costa, mais conhecido como Palácio Ducal, é considerado o *ex-libris* da cidade de Trancoso, que se encontra atualmente em ruína, tendo este sido ocupado pelos correios até ao ano de 1995.

A proposta de um Museu da Cidade, parte disso, de tentar manter a memória e a história do edifício e da cidade. O museu é vital na construção da história e da identidade da cidade e dos seus habitantes. A cidade é considerada património, e o património é parte da identidade e da memória coletiva da sociedade. O património possui um sentido muito relevante no desenvolvimento local onde se insere, sendo objeto de valorização.

Objetivos

O objetivo principal, considerando a natureza académica do projeto, é a formação do conhecimento na área dos museus. Aprofundar o conhecimento acerca da relação entre museu e cidade, e a complexidade que envolve a musealização da cidade.

Estuda-se o Museu da Cidade como problema e ambiente de estudo, e desenvolvendo-se posteriormente uma proposta de recuperação e reconversão do antigo palácio ducal em museu.

Perceber o património como fator de intervenção crucial para o presente, assentando na recuperação um valor arquitetónico fundamental para a população residente e seus visitantes.

Metodologia

Este primeiro capítulo, é um capítulo introdutório em que se explica o trabalho a desenvolver e os objetivos a alcançar.

Nos quatro capítulos seguintes da presente dissertação é analisada a cidade de Trancoso, a nível histórico, geográfico, sociodemográfico e morfotipológico. Faz todo o sentido analisar a cidade de forma profunda, a sua história desde os primeiros tempos, a vila e posteriormente a cidade, de modo a entender que tipo de acervo seria apresentado pelo Museu, que afinal de contas representa e apresenta a cidade.

No capítulo 6 é estudado o edifício em questão, que apesar da escassa informação sobre o mesmo pode entender-se que o verdadeiro nome do Palácio Ducal é na verdade Solar dos Lopes Tavares da Costa, assim como a história, a morfologia, a volumetria e a organização espacial.

No capítulo 7, faz-se um estudo sobre Museus nas cidades. Para que possamos compreender este tema, houve necessidade de se investigarem outros temas como museu, cidade, museologia e museografia. Houve também uma necessidade de procurar definir a relação entre museu e cidade, podendo dessa forma, definir de que forma poderia este museu da cidade contribuir para o desenvolvimento da mesma.

No capítulo 8 apresenta-se a proposta para o museu da cidade, abordando o conceito do projeto, o programa escolhido e a metodologia adotada.

Por último, no capítulo 9, apresentam-se as considerações finais sobre o trabalho desenvolvido.

Capítulo 2

Enquadramento Histórico

Trancoso, hoje cidade, tem longos séculos de existência, como referido por Teixeira (1982)

Trancoso é vila antiquíssima e não é ponto averiguado quem fosse o seu fundador e a época certa da sua fundação. Sabemos, contudo, que os primórdios da fundação de Trancoso se reportam ao século XIX a.C., data em que os Iberos, vindos do Oriente, deixaram em muitos pontos da Península e também da região de Trancoso, os seus Megálitos. (p.11)

Séculos mais tarde, após ser habitada pelos mais diversos povos foi com a chegada dos romanos à região que a povoação mais se desenvolveu, diz Teixeira (1982) “Em 301 a.C. os romanos chegam à região da Beira e, reconhecendo a belíssima situação de Trancoso, constroem sobre as muralhas do tosco castelo existente, um castelo de fortificações bem organizadas.” (p.12).

Afirma ainda Teixeira (1982) que “Aqui se demoraram até ao ano 409 da era cristã, tendo deixado bem vincada, com numerosos vestígios, a sua permanência na região, sendo pois de admitir que, dado o desenvolvimento que a povoação tomou, deveria tratar-se de uma «Civita Romana».” (p.12)

Mais tarde, no ano 585 d.C. os Visigodos iniciam o apoderamento de Trancoso, mantendo-se durante século e meio altura em que a região passa para as mãos de Tarik, de Musa e para Afonso I de Leão, sofrendo durante estas transições de vários assaltos (Costa, 1999).

Em 811 d.C., foi o árabe Ali-Benir que reconquistou Trancoso, falecendo um ano após a sua reconquista, numa batalha entre árabes e cristãos. Esta dualidade entre árabes e cristãos continuara pois em 930 d.C., Trancoso é removido do domínio dos cristãos por um outro emir árabe de nome, Almançor (Costa, 1999).

Do século X ao século XII, o território foi severamente disputado por mouros e cristãos até 1160, altura em que D. Afonso Henriques o conquista definitivamente. Segundo Costa (1999) “O rei sabia que este ponto estratégico na Beira merecia toda a sua atenção. A praça das armas estava bem situada, os habitantes possuíam a rigidez do granito e, no que tocava a combater, não davam de costas.” (p.16)

Trancoso ganha uma enorme importância devido ao facto de se tornar num local de grande atividade comercial no século XIII, resultando por decisão de D. Afonso III, ainda nesse século a

conceção da feira franca. É, contudo, com a escolha de Trancoso para local do casamento de D. Dinis com D. Isabel de Aragão, que se vem a confirmar a importância assumida por esta terra nessa mesma era.

Figueiredo (1997) escreve que

A vila, até 1297, circunscrevia-se a uma área de, no máximo, cem metros em redor do castelo. Verificando, todavia, que a sua população se expandia extramuros, D. Dinis decide-se a ampliar-lhe as muralhas, abrigando na nova cerca casas e terras que rodeavam a fortificação. (p.325)

A 29 de maio de 1385, Trancoso defronta as forças de D. João de Castela na Batalha de Trancoso, conhecida por muitos por Batalha de S. Marcos.

A vila medieval de Trancoso, hoje cidade, foi também berço de inúmeras personalidades ilustres como Gonçalo Vasques Coutinho (Alcaide de Trancoso, 2º Marechal de Portugal e grande vencedor da Batalha de S. Marcos); Gonçalo Anes Bandarra (sapateiro-profeta); Fernando Isaac Cardoso (famoso médico judeu-converso) e também Afonso e Francisco de Lucena (distintos políticos e diplomatas do séc. XVII).

A vila de Trancoso, foi elevada à categoria de cidade a 9 de dezembro de 2004, considerada uma das mais importantes, como referido por Gomes (1996)

A vila de Trancoso foi, juntamente com a Guarda e a Covilhã, das mais importantes da Beira Medieval. A sua prosperidade deveu-se em grande parte à concorrida feira, mas reflectia também a riqueza do seu termo, ocupando uma parte importante do Planalto da Nave. (p.119)

Capítulo 3

Enquadramento Geográfico

Na zona interior da Beira Alta, a noroeste do distrito da Guarda encontra-se situado o concelho de Trancoso, num vasto e alto planalto com cerca de 900 metros de altitude próximo da margem direita do rio Távora afirmando Teixeira (1982):

Nasce-lhe a poente o rio Távora, afluente do Douro; é divisória de águas para os Rios Douro e Mondego, e fica situada num planalto dos mais pitorescos e encantadores da Beira, a 898 metros de altitude. A seus pés desenrola-se um vastíssimo panorama, podendo os nossos olhos admirar deslumbrados, partindo do poente para o norte, as serras de Almansor, Padrela, Moncorvo e, mais longe, a Marofa, e já por Espanha adentro divisamos, lá longe, a Meseta Ibérica, limitada ao fundo pelas serras da Gata, Greda, Guadarrama e Montes Ibéricos. Voltando para o Sul divisamos, fechando o horizonte, a nossa Serra da Estrela, a mãe da Beira, o coração de Portugal. (p.11)

Em 1999, Costa diz que o concelho de Trancoso se situa na Terra Fria apresentando acentuadas amplitudes de oscilação térmica, ou seja, muito frio no inverno e muito quente e seco no verão, devido à sua altitude superior aos 800 metros. É frequente a formação de geadas e, pontualmente a formação de sincelo, um fenómeno raríssimo de uma beleza indiscutível, sendo também uma das grandes atrações da cidade.

Capítulo 4

Caracterização Sociodemográfica

Segundo as seguintes afirmações confirmadas pelo Diagnóstico Social, documento elaborado pelo Conselho Local de Ação Social de Trancoso (2018), onde podemos ler acerca desta questão:

Neste sentido, e tendo em conta os dados relativos aos censos de 1981-2011 para o concelho de Trancoso, como se pode observar no Gráfico 1, a população tem vindo a registar uma diminuição progressiva, indo de encontro ao cenário que se observa em toda a região na qual este território se insere. Há, pois, que registar que entre 1981 e 2011 o concelho de Trancoso perdeu 3221 habitantes (...). (p.13)

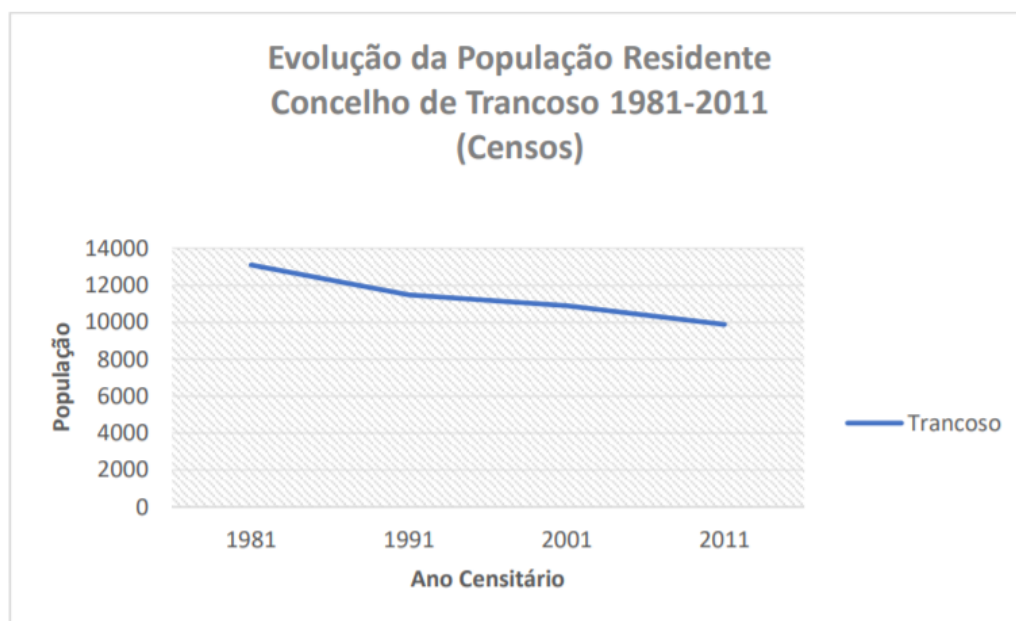


Gráfico 1 - Evolução da População Residente - Trancoso 1981-2011

Fonte: CLAS – Diagnóstico Social 2018

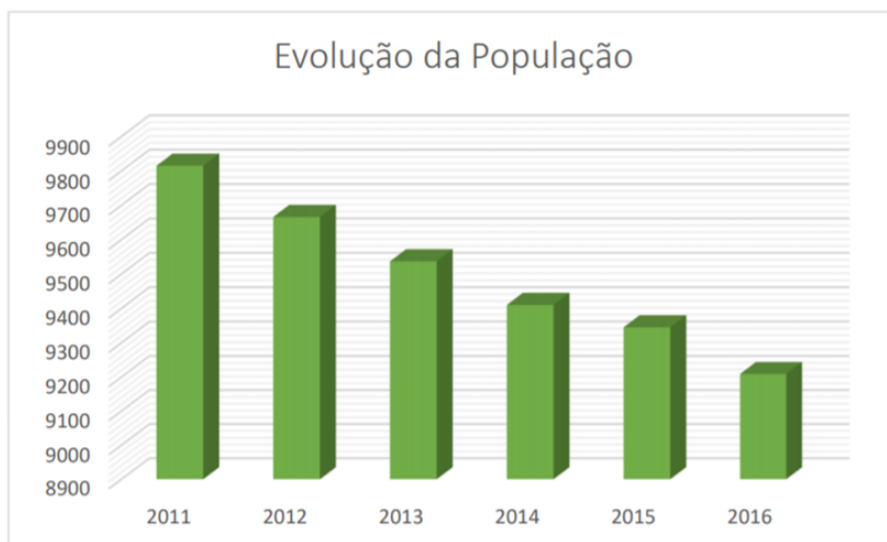


Gráfico 2 - Evolução da População Residente, por ano, dados do INE desde 2011

Fonte: CLAS – Diagnóstico Social 2018

Como se pode verificar no Gráfico 2, representado acima, entre 2011 e 2016 pode-se verificar a tendência de decréscimo da população concluindo que em 2016 a população do concelho era inferior a 9300 indivíduos.

Há que ter em conta também um outro indicador da população, dada a sua relevância para avaliar a estrutura da população do concelho. Esse indicador é o Índice de Envelhecimento que como podemos observar pelo gráfico 3, o aumento tem sido considerável demonstrando dessa forma um concelho envelhecido, em harmonia com o padrão da região Centro.

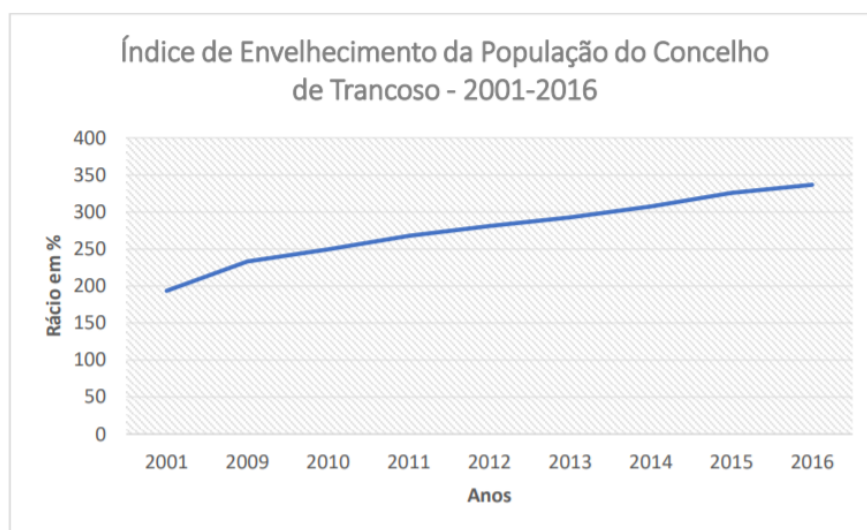


Gráfico 3 - Índice de Envelhecimento da População do Concelho de Trancoso - 2001-2016

Fonte: CLAS – Diagnóstico Social 2018

Tal como referido pelo Diagnóstico Social (2018:16): “A evolução do Índice de Envelhecimento no concelho conhece já entre o ano de 2001 e 2009 – coincidente com um período temporal de 8 anos – um aumento considerável, que o rácio apresentado em valores percentuais, se situa aproximadamente nos 50, porém é entre 2009 e 2016 – período temporal de 7 anos – que o rácio percentual do envelhecimento conhece um aumento mais significativo e deixa por demais evidente – na casa dos 100 percentuais – a situação do envelhecimento no concelho.”

É também através do gráfico 4, que verificamos mais uma vez o decréscimo da população ativa, entre os 15 e 64 anos, do concelho de Trancoso.

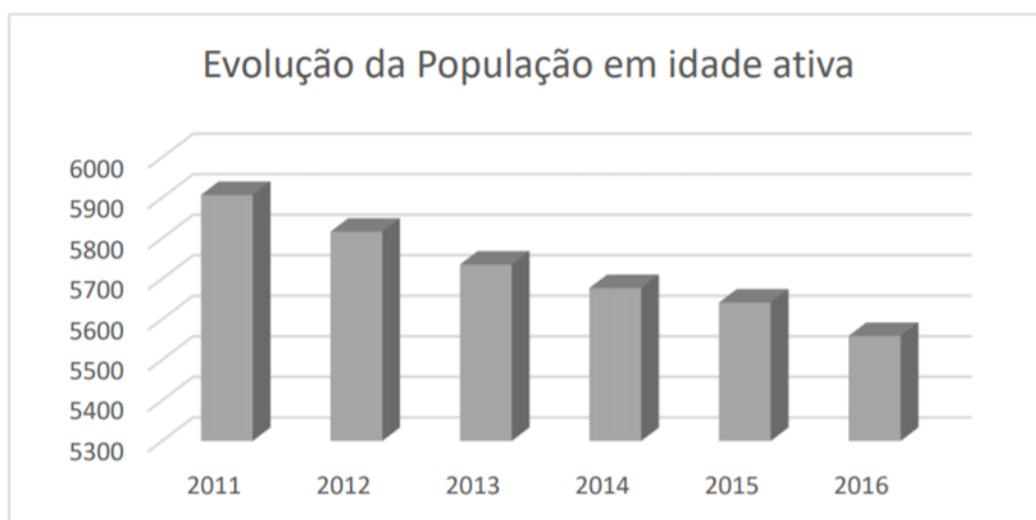


Gráfico 4 - Evolução da População ativa, entre os 15 e 64 anos

Fonte: CLAS – Diagnóstico Social 2018

Capítulo 5

Caracterização Morfotipológica do Centro

Histórico de Trancoso

Começando com a afirmação de Figueiredo (1997) “Trancoso é um Centro Histórico, por excelência. As suas ruas, travessas, largos, avenidas e becos são correspondentes ao traçado do velho burgo medieval, que, pouco a pouco, se desenvolveu, sem perder essa contextura urbana.” (p.223)

A vila velha é distinguida da vila nova, dentro das muralhas através de um eixo do alto do castelo até às Portas de El-rei e do Prado à antiga Porta de S. João (Figueiredo, 1997).

O centro histórico de Trancoso é subdividido em três zonas distintas de intervenção, sendo uma a do Castelo, constituída pelo monumento, espaços e edifícios circundantes; o bairro judaico ao longo da Rua Dr. Fernando Vaz, mais conhecida como Rua da Corredoura e, finalmente, a parte edificada à esquerda desta mesma rua, constituída maioritariamente construções dos séculos XVIII, XIX e um ou outro edifício do século XX (Figueiredo, 1997) .

Ainda Figueiredo (1997) sobre o bairro judaico:

Este mesmo bairro, constituídos por algumas centenas de pequenas habitações, apresentava-se, na generalidade, com um nível que não ultrapassava o primeiro andar e um volume muito idêntico, casa a casa. Eram as chamadas casas de «porta larga» e «porta estreita», que actualmente mostram alguma transfiguração, mas que se identificam por essa forma de construção. (p.326)

Por outro lado, falando da malha urbana do restante centro histórico, as construções são de maiores dimensões como é o caso da Câmara Municipal e do Palácio Ducal, são construções com pátios interiores ou pequenos quintais, e é nesta restante malha que encontramos um maior número de praças e largos resultando mais num espaço de convívio.

No centro histórico de Trancoso, é notável a Arquitetura civil e religiosa e também alguns edifícios de arquitetura tardo-barroca como é o exemplo do edifício em estudo na presente dissertação denominado Palácio Ducal.

Capítulo 6

Palácio Ducal em Trancoso

6.1. Contextualização Geral

O Palácio ducal, antes denominado por Solar dos Lopes Tavares da Costa, construído pelo Mestre de Campo dos Auxiliares de Pinhel Bartolomeu da Costa Coutinho Tavares de Araújo no século XVIII, na segunda metade da centúria como podemos perceber pelas palavras de Saldanha (2016) “Os filhos de Bartolomeu da Costa nasceram na freguesia de Santa Maria a partir de 1756, o que parece indicar que este solar, onde viveram, já estava de pé.” (p.164).

Em 1982, Teixeira conta que o Palácio ducal pertenceu à Duquesa de Pozen, filha de Wenceslau Gorswsky, herdeiro do trono da Polónia.

Mais tarde o antigo Solar dos Lopes Tavares da Costa é ocupado pelos correios, por um café e uma residência de particulares (Teixeira, 1982). Em 2016, Saldanha diz que com a saída deste serviço do edifício, o mesmo é vendido por volta de 1995, encontrando-se hoje num estado de ruína.

De arquitetura tardo-barroca, o solar é um dos edifícios mais imponentes do centro histórico da cidade de Trancoso.



Figura 1 - Palácio Ducal atualmente

Fonte: Autora, fevereiro de 2020

6.2. Enquadramento Geográfico

O edifício em estudo, Palácio Ducal, situa-se no centro histórico da cidade de Trancoso, no distrito da Guarda.

O edifício encontra a norte a Igreja de Santa Maria e a sul a Praça D. Dinis. As duas vias de acesso ao edifício são a Praça D. Dinis e a Rua dos Cavaleiros.

Ao redor deste edifício, relativamente próximo a este, podemos encontrar implantadas as mais diversas atividades, serviços e equipamentos, como por exemplo: o tribunal de Trancoso, a Câmara Municipal, o Centro de Saúde, o cinema municipal, bancos, as finanças, comércio variado e a biblioteca municipal.

6.3. Análise Morfológica e Compositiva

6.3.1. Implantação e Volumetria

O edifício apresenta uma construção com planta em L irregular, conseqüente de diversos adossamentos ao edifício principal, diz Saldanha (2016) “O corpo principal, apesar da harmonia da sua fachada e de grande parte do seu interior, foi claramente adossado a construções mais antigas, o que é bem visível do lado norte” (p.165).

O edifício é constituído por dois pisos, com disposição horizontal e anteriormente coberto com um telhado de quatro águas que atualmente não existe.

Exteriormente, a fachada principal é a que mais se salienta no edifício por ser estruturada em três panos delimitados por pilastras, em que o central é rematado pelo frontão curvo que integra a pedra com as armas da família. Cada pano, delimitado por pilastras, apresenta ainda três aberturas por piso, sendo que no pano central abrem-se duas janelas a emoldurar o portal no piso térreo, o mesmo se repete no andar nobre destacando-se a janela de sacada e a varanda cuja base assenta sobre o portal.

O alçado lateral que comunica com a Praça D.Dinis, inclui também três vãos em cada piso, enquanto que no lado oposto, pode observar-se um extenso alçado com cinco portas no piso térreo e nove janelas no primeiro piso, sem qualquer tipo de moldura.

6.3.2. Organização funcional e espacial

No edifício principal, a tradicional divisão de função entre os pisos é conservada, o acesso é feito para um átrio central, quadrangular que emoldura com um arco as escadas de acesso ao piso superior como se pode ver na figura 2. A escadaria, em pedra e balaustrada de madeira perceptível na figura 3 , é constituída por um lanço central de acesso ao logradouro rematado por um medalhão oval, seguindo-se de dois outros lanços paralelos que oferecem acesso ao primeiro andar. No primeiro piso, a frente do edifício é ocupada pelos salões.



Figura 2 – Palácio Ducal – Arco de acesso às escadas

Fonte: Autora, fevereiro de 2020



Figura 3 – Palácio Ducal – escadaria balaustrada em madeira

Fonte: Autora, fevereiro de 2020

6.3.3. Sistemas estruturais e construtivos

Para além do levantamento arquitetónico, é fundamental proceder ao levantamento das técnicas e dos sistemas estruturais e construtivos utilizados. Este reconhecimento é um dos passos fundamentais a ter em conta quando se visa a intervenção em património arquitetónico, de forma a que seja criado um projeto sustentado por bases coesas e que não corrompa a autenticidade do projeto em causa.

O sistema estrutural do edifício é em madeira, com vigas circulares de grandes dimensões que apoiam nas paredes em alvenaria de pedra como se pode verificar na figura 4.



Figura 4 – Palácio Ducal – Vigas de madeira

Fonte: Autora, fevereiro de 2020

6.3.4. Materiais

Os materiais utilizados são granito, cantaria e alvenaria rebocada; madeira; ferro e telha de canudo. Quanto aos pavimentos, é difícil apercebermo-nos da qualidade da madeira utilizada. Nas paredes, alguns revestimentos terão sido em azulejos.

Capítulo 7

Museu da Cidade

Para que se possa compreender o que é um museu da cidade é fundamental compreender a complexidade que os temas museu e cidade acarretam.

O conceito de museu aparece na cultura grega, na altura mais conhecido por Templo das Musas, Casa das Musas ou ainda Museion, associando a este a ideia de recolha do saber e da memória como um elemento fundamental do conhecimento humano, segundo (Oleiro, 2004)

Ao longo dos séculos, o Museu afirmar-se-á sempre como um espaço de salvaguarda de património, de memórias e de testemunhos. Um espaço de grande valor simbólico, porque recolhe e conserva vestígios de um passado que importa conhecer e recordar, sinais de grandeza e decadência, vestígios de vitórias e derrotas, marcas de um quotidiano que desapareceu, obras maiores do génio artístico e empreendedor do Homem. (p.5)

Pode-se concluir que a natureza do museu é a preservação, a persistência e a permanência da memória, tornando-se assim numa referência cultural como um local de sabedoria, de história e de Humanidade. O museu para além de desempenhar um grande papel educacional, torna-se num meio de relações com a cidade.

Com o passar do tempo, os museus foram-se multiplicando assumindo cada vez mais configurações distintas. Durante séculos os museus portugueses eram pensados para ocupar edifícios que perdiam a sua função inicial, como é o caso de igrejas, conventos, palácios, entre outros. Com a idealização de uma construção de raiz para um museu, houve a necessidade de serem estudadas as suas organizações aparecendo dessa maneira definições sobre os temas museu, museologia e museografia.

“Museologia: uma ciência aplicada, a ciência do museu. Ela o estuda em sua história e no seu papel na sociedade, nas suas formas específicas de pesquisa e de conservação física, de apresentação, de animação e de difusão, de organização e de funcionamento, de arquitetura nova ou musealizada, nos sítios herdados ou escolhidos, na tipologia, na deontologia” (Rivière, 1981, citado por Brulon e Cury, 2013, p.61).

Em 2013, Brulon e Cury dizem que a museologia se opõe à museografia que designa o conjunto de práticas ligadas à museologia.

Conhecendo já a definição do tema museu, e considerando que é do conhecimento comum que uma cidade engloba toda uma narrativa do que foi, de como se originou, o que é atualmente e o que será futuramente, é também perceptível que o museu da cidade irá preservar e dar a conhecer as memórias do passado da cidade que representa.

Em 2009, Franco notifica que ao longo do século XX, mundialmente, o modelo de museu da cidade é consolidado tendo as suas ações e campanhas arqueológicas articuladas, que normalmente, procuravam encontrar não só o local das primeiras ocupações de um determinado território, como também o seu eixo e os testemunhos materiais da cidade em que se insere. Eram importantes as primeiras descobertas que definiam a vida da cidade, sendo a partir daí organizada uma sequência cronológica, que procurava organizar a memória local e, a partir dela, construir a história oficial. Da mesma forma, a localização dos vestígios materiais, resultantes de escavações arqueológicas, de doações e artefactos importaria para contribuir na veracidade da história contada.

“não é a consciência das tradições seguras que marca o surgimento dos museus, senão a sua perda, combinada com um desejo estratificado de reconstrução”. (Huysen, 1995, citado por Franco, 2009, p.15).

“Quanto ao âmbito que deverá ser atribuído a um Museu de Cidade, Mário Tavares Chicó, (...) define-o com precisão: «Museus de Cidades são museus destinados a documentar, no domínio da geografia humana, da história e da arqueologia, a formação e desenvolvimento da cidade.»” (Moita, 1972, citado por Faria, 2010, p.7).

7.1. O museu e a sua relação com a cidade

Conhecendo agora as definições dos temas museu e cidade, e considerando que o museu da cidade é uma instituição que estuda a cidade, questiona-se se o museu da cidade estuda apenas a história da cidade, o seu passado, ou se poderá, também, estudar a cidade na atualidade e possivelmente da sua evolução futuramente.

É importante que o museu da cidade estude a cidade como um todo, a sua história e os seus problemas contribuindo para o entendimento da urbe, para que em consequência se possa construir a cidade da melhor forma, atuando de forma direta ou indireta no desenvolvimento urbano e no seu planeamento. Tal será possível se o museu abrigar um espaço que seja propício a que haja debates de forma aberta e democrática acerca da vida na cidade.

Capítulo 8

Proposta para o Museu da Cidade

8.1. Conceito do Projeto

O projeto tem como principal objetivo a recuperação do palácio ducal, que apresenta uma grande importância para o centro histórico de Trancoso, e a reconversão em museu da cidade.

A proposta visa promover a atração de mais visitantes para o concelho, oferecendo aos habitantes locais e aos visitantes um espaço de conhecimento que abriga e preserva vestígios de um passado que importa recordar e conhecer.

O conceito foi pensado de forma que a intervenção respeite as preexistências relativas à memória do edifício, ilustradas na figura 5, tentando modernizar e adaptar o espaço às necessidades que um museu acarreta. Podemos observar na figura 6, que, exteriormente, o alçado da Rua dos Cavaleiros foi o que sofreu mais alterações com a demolição de pequenos elementos que não pareciam de valores patrimoniais.



Figura 5 – Preexistências

Fonte: Autora, julho de 2021



Figura 6 – Demolição de elementos

Fonte: Autora, julho de 2021

8.2. Programa

O Museu da cidade será destinado a todas as pessoas que tenham interesse em conhecer a história da cidade de Trancoso, contudo, também para quem queira utilizar os espaços de lazer e cafeteria.

No piso térreo, observando a figura 7, é possível encontrar à direita do átrio de entrada, uma loja de recordações e uma área de gabinetes administrativos; do lado oposto encontramos uma zona de espera, a recepção com bengaleiro; um bar com uma área de atendimento, de cozinha e de dispensa, com acesso ao pátio exterior; e ainda a zona de instalações sanitárias. Ainda no piso térreo, mas apenas com acesso pela rua da Igreja de Santa Maria, encontramos uma sala de arquivo.



Figura 7 – Piso térreo

Fonte: Autora, julho de 2021

No piso 1, observando a figura 8, encontramos uma sala polivalente e o restante piso é todo ocupado com as áreas de exposição do museu.



Figura 8 – Piso 1

Fonte: Autora, julho de 2021

Podemos ainda observar na figura 9, três pátios. O primeiro, com acesso pelo interior do edifício através do átrio de entrada e do bar; o segundo com acesso pelo interior do edifício através da última sala de exposição, permitindo que os visitantes façam a sua visita ao museu de forma organizada saindo na fase final para o pátio exterior, permitindo que se desça para o pátio do piso intermédio voltando ao átrio ou ao bar, ou então a um terceiro pátio que faz a ligação direta com a Rua dos Cavaleiros.

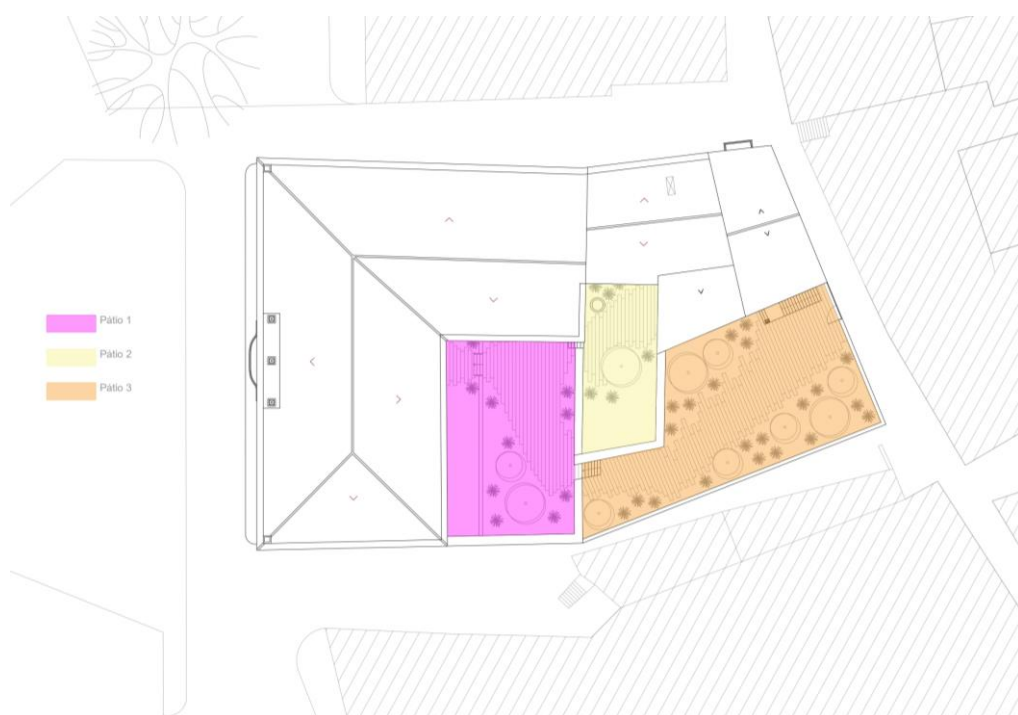


Figura 9 – Pátios exteriores

Fonte: Autora, julho de 2021

8.3. Memória Descritiva

A presente memória descritiva refere-se à proposta conceptual do Museu da Cidade, situado no concelho de Trancoso.

O terreno de implantação tem uma área de 1391.23 m², e 1704.04 m² de área de construção.

Quanto aos arranjos exteriores, foram criados, como mencionado anteriormente, três pátios acessíveis entre eles. Estes pátios foram pavimentados com pedras de granito, de forma a criar um percurso, que guie os seus utilizadores a outros espaços, e também espaços de estar e de jardim tornando os pátios mais dinâmicos cativando desta forma, o interesse dos seus visitantes.

A proposta tenta respeitar, os sistemas estruturais e construtivos que caracterizavam o Palácio Ducal, sendo que as paredes são em alvenaria de pedra, rebocada à cor branca, com uma estrutura em madeira. As paredes que foram adicionadas, agora com a proposta que não existiam, são em tijolo também rebocado à cor branca. A cobertura é inclinada de quatro águas também com estrutura de madeira e telha lusa. Ao contrário do que é idealizado para todas as novas construções, a estrutura e todos os sistemas que são idealmente escondidos por tetos falsos, aqui aparecem assumidamente. Os pavimentos são em mosaico, exceto nos casos em que o pavimento existente foi mantido como é o caso do pano central que apresenta o átrio e as escadas em pedra. As paredes exteriores têm 78cm e as interiores construídas em tijolo têm 15 cm. Todos os vãos das fachadas foram mantidos, aparecendo agora com um vidro duplo de 2,5 cm com caixilharia de alumínio. As portas exteriores na sua grande maioria de madeira foram substituídas, algumas por vidros duplos, outras por portas em alumínio.

Capítulo 9

Conclusão

Com a proposta de recuperação e reconversão do Palácio Ducal em Museu da cidade, este edifício antes denominado Solar dos Lopes Tavares da Costa voltará a ser valorizado.

É necessário saber intervir em espaços com estas características, com um valor patrimonial muito alto que infelizmente acabou por ser deixado ao abandono ao qual é encontrado em estado de ruína, e ser capaz de os transformar em novos espaços, confortáveis ao utilizador, sem destruir a história que é contada pelo existente. É este um dos mais importantes papéis da Arquitetura para com a sociedade e para com Humanidade.

Os edifícios, como o Palácio Ducal, que têm um enorme valor patrimonial, possuem também um enorme valor emocional para a sociedade em que se insere, para quem conhece a sua história e para quem preza que a mesma não seja esquecida. Poder recuperar um edifício com história e reconvertê-lo num espaço que irá contar toda a narrativa da cidade, é uma das mais bonitas formas de fazer arquitetura.

Capítulo 10

Referências Bibliográficas

Aymonino, C. (1984). O significado das cidades. Lisboa: Editorial Presença

Benevolo, L. (1995). A Cidade na história da Europa. (1ªed.). Lisboa: Editorial Presença Lda

Caramelo, A. (2002). Monografia de Trancoso. G. C. Gráfica de Coimbra, Lda. Guarda.

Conselho Local de Ação Social de Trancoso. (2018). Diagnóstico Social. Município de Trancoso. Disponível em: <https://www.cm-trancoso.pt/wp-content/uploads/2018/09/Diagnostico-Social-2018.pdf>

Costa, S. (1999). Breve Monografia de Trancoso. Edição do Almanaque Bandarra. Trancoso

Costa, S. (2017). Breve Monografia de Trancoso. Edição: Sete Vidas, uma chancela de Fernando Jorge dos Santos Costa.

Desvalées, A., Mairesse, F. (2013). Conceitos-chaves da Museologia. São Paulo: Armand Colin. Disponível em: http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2014/03/PDF_Conceitos-Chave-de-Museologia.pdf

Faria, A. S. (2010). MUSEU DA CIDADE – Um Crescimento Ilimitado. Ampliação e Reestruturação dos núcleos dos séculos XX e XXI. [Tese de mestrado, Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/3338>

Fernandes, J. M. (1999). Cidades e arquitecturas. Lisboa: Livros Horizonte

Figueiredo, J. (1997). Trancoso – 10 Anos de Cultura. Câmara Municipal de Trancoso. Trancoso

Franco, M. I. M. (2009). MUSEU DA CIDADE DE SÃO PAULO: UM NOVO OLHAR DA SOCIOMUSEOLOGIA PARA UMA MEGACIDADE. [Tese de doutoramento, Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias]. Repositório Científico Lusófona. <https://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/5201>

Gaspar, J. (1985). A cidade portuguesa na Idade Média: Aspectos da estrutura física e desenvolvimento funcional. Universidade de Lisboa

Goitia, F. (1992). Breve história do urbanismo. (3ªed.). Lisboa: Editorial Presença

Gomes, R. C. (1996). Castelos da Raia I. Beira. Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico. Ministério da Cultura.

Munford, L. (1998). A Cidade na História. São Paulo: Martins Fontes

Oleiro, M. B. (2004). Arquitectura Ibérica Nº4 Museus Museos. Caleidoscópio. Casal de Cambra

Saldanha, P. (2016). Trancoso, uma monografia: a vila, o seu campo, o seu aro e as suas freguesias. Município de Trancoso. Trancoso

Saraiva, B., & Carvalho, P. (2013). Património Judaico e Turismo Cultural em Trancoso. Turydes revista de investigación en turismo y desarrollo local.

Teixeira, I. A. (1982). Trancoso, terra de sonho e maravilha. Tipografia Lousanense. Lousã

Listagem dos desenhos técnicos

Desenho 01: Planta de implantação	1/200
Desenho 02: Levantamento, planta cobertura	1/100
Desenho 03: Levantamento, planta piso térreo	1/100
Desenho 04: Levantamento, planta piso 1	1/100
Desenho 05: Levantamento, alçados	1/100
Desenho 06: Levantamento, cortes	1/100
Desenho 07: Vermelhos e Amarelos, planta cobertura	1/100
Desenho 08: Vermelhos e Amarelos, planta piso térreo	1/100
Desenho 09: Vermelhos e Amarelos, planta piso 1	1/100
Desenho 10: Vermelhos e Amarelos, alçados	1/100
Desenho 11: Vermelhos e Amarelos, cortes	1/100
Desenho 12: Proposta, planta cobertura	1/100
Desenho 13: Proposta, planta piso térreo	1/100
Desenho 14: Proposta, planta piso 1	1/100
Desenho 15: Proposta, alçados	1/100
Desenho 16: Proposta, cortes	1/100
Desenho 17: Proposta, cortes	1/100
Desenho 18: Instalação Sanitária	1/20
Desenho 19: Instalação Sanitária, cortes, desenho nº18	1/20
Desenho 20: Cozinha	1/20
Desenho 21: Cozinha, cortes, desenho nº20	1/20
Desenho 22: Pormenor construtivo pelo corte C e H, desenho nº16 e nº17, respetivamente	1/20
Desenho 23: Pormenor construtivo pelo corte E, desenho nº17	1/20